

O AMOR EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO #

*“A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria
Tenho mátria
E quero frátria”
Caetano Veloso*

Há alguns dias, uma amiga pediu-me assessoria numa dúvida que tinha para uma palestra que estava redigindo. Ela queria saber como é a concordância para a palavra ‘compaixão’. “É ‘compaixão por’, ‘compaixão de’ ou ‘compaixão com’?” perguntava-me ela. Depois de verificar num dicionário de verbos e de responder a ela, fiquei eu em casa pensando na dúvida apresentada pela minha amiga. Acabei chegando à conclusão de que ali estava uma pessoa não completamente globalizada: ela ainda era capaz de se compadecer.

Diz o dicionário que ‘compadecer’ tem, dentre outros, o significado de ‘condoer-se, comiserar-se’. Estes três verbos – compadecer, condoer, comiserar – indicam sentimentos que a globalização, da forma como está sendo feita atualmente, pretende aposentar.

E é sobre isso que quero falar um pouco com vocês: como podemos entender a influência da globalização no comportamento das pessoas e nos processos terapêuticos e de ensino e aprendizagem. Vou caracterizar sucintamente o que entendo por globalização, sua ideologia, suas implicações sociais, sua base psicológica, as implicações do processo globalizante sobre a terapia e como a Gestalt-terapia pode se haver com esse processo. Não quero

• R. Bastos Pereira, 485 – V. Nova Conceição - CEP 04.507.011 – tel/fax: (011) 3887.4546 – e-mail: eniobrito@uol.com.br - São Paulo - SP

Trabalho apresentado na II Jornada Paulista de Gestalt-terapia. Parte deste trabalho foi apresentada no V Encontro de Psicopedagogia do Ceará.
Trabalho publicado na Revista de Gestalt do Instituto Sedes Sapientae. , p.25 - 36, 2000

me esquecer de também refletir sobre como se dá o exercício da sexualidade nestes tempos de globalização e também como podemos fazer uma correlação disso tudo com o processo de Orientação Sexual.

A GLOBALIZAÇÃO

Parto do pressuposto de que a globalização é um dado inexorável do mundo de hoje. Ela está aí, não pode ser negada e tampouco permite recuos. O avanço das técnicas modernas – principalmente na informática, na genética, na bioquímica, na eletrônica e na comunicação – é uma conquista da qual, como seres humanos, só podemos nos orgulhar. No entanto, é preciso e urgente que reflitamos sobre o como e o para quê essas técnicas podem ser – ou estão sendo – usadas: se para o progresso do ser humano ou se para sua escravização. Em outros termos: que mundo estamos construindo e, por extensão, para que mundo estamos educando nossas crianças e nossos jovens.

Para Jacques Chonchol, a globalização se dá principalmente a partir de quatro planos: o financeiro, o da estratégia das empresas em busca de novos mercados, o do desenvolvimento de novas técnicas de produção e de novas produções e, por fim, mas não menos importante, num quarto plano que se manifesta “nos modos de vida e nos modelos de consumo, o que influi de modo decisivo sobre as culturas dos diversos povos.”¹

Para Milton Santos, “a globalização atual é perversa, fundada na tirania da informação e do dinheiro.”² Argumenta o professor que a base do processo globalizante nos dias de hoje se fundamenta no uso da informação de maneira tendenciosa e deturpada em prol do mundo financeiro. Lembra ele que nunca como hoje o dinheiro na sua forma pura foi tão central na ideologia vigente, pois vivemos um mundo em que a ciranda financeira é básica no sustento do *modus vivendi*, tornando a globalização o ápice da internacionalização do capitalismo.

¹ Chonchol, Jacques, *Globalização e neocolonialismo*.

² Santos, Milton, *Por uma outra globalização*, p. 15

Assim como o capital, as empresas já não têm mais compromissos com os lugares onde se instalam, muito menos com as pessoas desses lugares: o que importa são os lucros, e a produção é feita aonde eles forem maiores, independentemente de qualquer compromisso social.

Podemos, além disso, observar que a globalização se fundamenta numa transferência de poder do Estado para as grandes grupos transnacionais, os quais estão geralmente associados aos Estados dos sete grandes países que hoje dominam o mundo, numa espécie de neocolonialismo, no qual já não importa mais conquistar territórios, mas, antes, conquistar mercados.

É ainda Jacques Chonchol quem nos alerta: “(...) alguns especialistas dizem que vivemos uma nova forma de colonialismo dirigido agora pelas firmas transnacionais que pode empobrecer e levar à marginalidade a mais gente, destruir mais culturas e causar mais desastres ecológicos que o colonialismo de antigamente imposto pelos sistemas clássicos de dominação cultural.”³

De fato, o que observamos no mundo hoje é uma exclusão social de tal monta que seria inimaginável há algumas décadas. Isso porque a busca de competitividade e de aumento de produtividade deixou de ser um meio para a globalização para se tornar um fim em si mesmo. Para Milton Santos, a competitividade substitui no mundo atual a competição. Ele as diferencia dizendo que a competição está sujeita a regras morais, o que não acontece com a atual competitividade, movida apenas pelo lucro imediato. Desta maneira, a “globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade e mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada.”⁴

Isso se dá porque as novas tecnologias precisam de menos mão-de-obra, condição fundamental da competitividade, o que se soma ao domínio do

³ Jacques Chonchol, *ibidem*

⁴ Santos, Milton, *op. cit.*, p. 65

mercado de consumo como o atual grande formador de identidades e balizador de desejos.

Em todo o mundo (e não apenas nos países subdesenvolvidos) o desemprego é o grande drama de nosso tempo. É falsa a idéia de que o progresso resolverá o problema do desemprego. Numerosos empregos de menor qualificação “se vêem condenados a desaparecer. Um número cada vez maior de assalariados se encontra ameaçado pela introdução de técnicas aperfeiçoadas de informática, com os empregos correndo o risco permanente de serem deslocados e carecendo de sentido num mundo cada vez mais automatizado. As perspectivas que se abrem para muitos são traumáticas.”⁵

Já não há mais segurança no emprego, já não há mais, para a maioria das pessoas, a garantia de que, ao fim de um dia de trabalho, outro se sucederá. De fato, “há pouco espaço para a vida vivida como um projeto, para planejamento de longo prazo e esperanças de longo alcance.”⁶

Associado ao desemprego crescente, outro dado importante na globalização é o consumo. Nunca como agora o valor do consumo foi tão determinante para uma cultura. Cria-se, então, uma cultura do desperdício, uma cultura de aparências, baseada em uma tremenda desigualdade social, semente

para uma era de violência como ainda não houve igual.

Violência social, violência ecológica, indivíduos assustados, cada vez mais incapazes de olhar o Outro como semelhante, cada vez mais incapazes de compaixão. Um mundo de exclusões, agravadas pelo desproteção social, como se o desejo por um estado de bem-estar fosse um despropósito e não um direito de cada e de todo cidadão.

Em recente artigo na Folha de São Paulo, Marilena Chauí comenta que o Brasil é o terceiro país do mundo em índice de desemprego, fala do

⁵ Chonchol, Jacques, *op. cit.*

⁶ Bauman Zygmunt, *O mal-estar da pós-modernidade*, p. 50

“montante absurdo de gastos públicos e privados com a segurança”, para concluir que “o quadro é de apartheid social e de guerra civil tácita.”⁷

Chauí lembra que um flanelinha ganha mais do que um professor, que um pedinte ganha mais que uma faxineira, para depois observar que é geralmente aquele trabalhador que seria dos mais combativos em termos de movimentos sociais que é a primeira vítima do desemprego. Ela conclui o artigo dizendo que “pode-se pensar, então, que a fome de uns e o medo de outros, o crime organizado, de um lado, e a desmontagem do Estado, de outro, tecem a violência, a insegurança e o horror contemporâneos.”⁸

A base para essa guerra civil não declarada que vivemos hoje, principalmente nas grandes cidades brasileiras, é a cultura de consumo. Vejam que eu digo que o problema é a cultura do consumo, não o consumo em si: consumo e mercado sempre existiram na história da civilização humana, mas não da forma como se dá hoje. No Brasil, esta cultura de consumo se revela como um mimetismo dos grandes irmãos do norte, fruto do neocolonialismo a que estamos expostos. Esta cultura de consumo tem reflexos em todo o comportamento humano, inclusive na sexualidade.

Assim, resumindo, podemos dizer que a globalização se caracteriza fundamentalmente por uma fluidez financeira jamais vista; uma manipulação da informação em prol do mundo financeiro; um neocolonialismo baseado na conquista de mercados; a conquista de novas técnicas de produção e de novas produções; uma nova moral, narcísica, que gera um novo consumo: o consumidor no lugar do cidadão; um descompromisso das cadeias produtoras com as sociedades e/ou os lugares onde se instalam; a busca do lucro a qualquer custo, inclusive através do pagamento de baixos salários; a competitividade no lugar da competição.

As principais conseqüências da globalização são: o desemprego como grande problema mundial; uma crescente desigualdade social; violência;

⁷ Chauí, Marilena, *Quem semeia ventos colhe tempestades*

⁸ Chauí, Marilena, *ibidem*

coisificação das pessoas e das relações humanas; a falta de uma postura ética que permita ao ser humano ser solidário e exercer sua cidadania; a troca da autonomia pela previsibilidade para as pessoas; o reinado da estatística contra a autodeterminação das pessoas e dos países; o enfraquecimento da Política em prol do clientelismo; a possibilidade de que apenas uma pequena minoria se aproveite dos avanços notáveis das ciências.

Isto posto, quero agora falar um pouco de como este processo globalizante afeta o exercício da sexualidade humana, a psicoterapia e a Educação.

SEXUALIDADE E GLOBALIZAÇÃO

A princípio, é preciso lembrar qual é a base psicológica para o processo globalizante, qual o tipo de personalidade que sustenta este modo de convivência social. Não há dúvidas de que, assim como na época de Freud a personalidade cultural era histórica, agora ela é narcísica. Narcísica e patriarcal.

É uma cultura patriarcal porque baseada no 'ou-ou', que define e é definida pela dicotomização. Assim, em nossa cultura a identidade de gênero exacerba as diferenças entre o masculino e o feminino, com conseqüências importantes no exercício da sexualidade, pois praticamente coloca em constante confronto os homens e as mulheres.

Mais do que o patriarcalismo, a base ideológica social que permite o processo de globalização do modo como se dá hoje é o narcisismo. Por isso podemos dizer que nossa sociedade é narcisista. É uma sociedade narcisista porque tem como característica importante o enorme valor dado ao aspecto material da vida como medida de progresso, em detrimento do crescimento pessoal e da busca do contato enriquecedor com o Outro. É importante lembramo-nos de que o narcisista tem enormes dificuldades com a convivência com as diferenças, com a aceitação das diferenças como

fenômenos enriquecedores e não como fenômenos competitivos (como dizia o mestre Caetano, “é que narciso acha feio o que não é espelho”); desta maneira, a sociedade narcisista busca reprimir aquilo que para mim é o ideal da boa Educação, ou seja, facilitar ao jovem a aquisição e o desenvolvimento da autonomia. É óbvio, mas não custa lembrar, que autonomia não tem nada a ver com auto-suficiência, antes pelo contrário. A pessoa autônoma sabe que está no mundo com outros, que precisa desses outros assim como eles precisam dela.

Desenvolvido por Freud e por diversos outros autores, o termo “narcisismo” nos serve hoje para designar um tipo de personalidade cuja característica principal é uma exagerado apreço pela própria imagem, a exemplo de Narciso, personagem do mito grego imortalizado no poema “A Metamorfose – A História de Eco e Narciso”, de Ovídio. No mito, Narciso, depois de rejeitar tantos quantos tentassem aproximar-se sensualmente dele, acaba por apaixonar-se pela sua própria imagem refletida em um lago cristalino.

Mas não é somente esse exagerado auto-apreço a característica do narcisista: há outras, que, combinadas, nos possibilitam descrever uma pessoa narcisista.

A primeira coisa que nos chama a atenção quando estamos diante de uma pessoa narcisista é a sua imensa dificuldade em sentir. O contato do narcisista com os sentimentos é extremamente deficiente, haja vista que ele, em função de sua história de vida, praticamente negou seus sentimentos através de um bloqueio à percepção.

Para Schwartz-Salant, as principais características da pessoa narcisista são as seguintes: carece de penetrabilidade (mantém as pessoas à distância); não pode tolerar críticas (toda crítica é percebida como ameaça pessoal); baixa capacidade empática (pode ser cruel e egocêntrico); apresenta orgulho de não ter necessidades (com relação ao outro – orgulha-se também de fazer muito

pelos outros); carece do sentido da história ou dos processos (distorce a história para engrandecer o ego ou para se lembrar de feridas); apresenta funcionamento masculino e feminino perturbados (o reino feminino do ser está ausente); apresenta dificuldade para integrar a abordagem sintética (é pré-simbólico); apresenta grande potencial, porém subdesenvolvido (enquanto este potencial não se desenvolve, a profundidade é substituída pela ostentação). (Schwartz-Salant, 1995, p. 49/53)

Na medida em que se distancia de seus sentimentos como defesa contra o vazio, o medo e a tristeza, o narcisista se torna uma pessoa para quem o próprio corpo passa a ser um objeto. O narcisista lida com o corpo como se ele fosse um objeto a serviço do ego, algo a ser usado, e não vivido. A maneira como o narcisista lida com seu corpo vai determinar diretamente a maneira como ele lidará com sua sexualidade.

Para o narcisista, que reduz sua sexualidade à genitalidade, o clímax sexual é imbuído de uma sensação de conquista. A competência é colocada no lugar do prazer. O ato sexual é mais um serviço prestado que uma ação amorosa.

O corpo, aparentemente bem cuidado, atraente ao olhar, não mostra os olhos durante a relação sexual. O narcisista não se relaciona através do olhar, porque o olhar é revelador. Ele é assim, tão olhador de si mesmo, porque o equilíbrio é inevitável: em sua história pessoal, o narcisista não teve quem olhasse para ele, de maneira que compensa isso olhando demais para si, em detrimento do olhar para o outro e do olhar para o entre.

No entanto, seu olhar se torna impotente na medida em que é um olhar fixo, sem alternâncias, sem ritmo de ir e vir. Mas ele não pode ser impotente, pois essa impotência pode lhe trazer a dor, a dor de não ter sido olhado. Então, ele se torna onipotente, pluripotente. É o olhar fixo, muito fixo em si, tão fixo que perde o foco e, por isso, perde a possibilidade da alegria, limitando-se à performance.

Para Christopher Lasch, o indivíduo narcisista,

“liberado das superstições do passado, duvida até mesmo da realidade de sua própria existência... Suas atitudes sexuais são mais permissivas do que puritanas, muito embora sua emancipação de velhos tabus não lhe tenha trazido a paz sexual. ... Ganancioso, ... ele exige gratificação imediata e vive num estado de desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito.”⁹

Alexander Lowen coloca o narcisismo como uma condição psicológica e cultural:

“Em nível cultural, o narcisismo pode ser considerado como perda de valores humanos - uma ausência de interesse pelo meio ambiente, pela qualidade de vida, pelos seres humanos seus semelhantes. Uma sociedade que sacrifica o meio ambiente natural em nome do lucro e do poder revela sua insensibilidade em face das necessidades humanas. A proliferação de coisas materiais converte-se em medida de progresso na vida, e o homem é oposto à mulher, o trabalhador ao patrão, o indivíduo à comunidade. Quando a riqueza ocupa uma posição mais elevada do que a sabedoria, quando a notoriedade é mais admirada do que a dignidade, quando o êxito é mais importante do que o respeito por si mesmo, a própria cultura supervaloriza a ‘imagem’ e deve ser considerada narcisista.”¹⁰

Lasch acrescenta que

“O narcisista não se interessa pelo futuro porque, em parte, tem muito pouco interesse pelo passado. ... Em uma sociedade narcisista – uma sociedade que dá crescente proeminência e encorajamento a traços narcisistas – a desvalorização cultural do passado reflete não só a pobreza das ideologias dominantes, (...) mas a pobreza da vida interior do narcisista.”¹¹

Para Isadore From, “o caráter narcísico poderia ser descrito, no vocabulário da Gestalt-terapia, como aquele que se torna ansioso ante a

⁹ Lasch, C. *A Cultura do narcisismo*, p. 14/15

¹⁰ Lowen, A., *Narcisismo*, p. 09

¹¹ Lasch, *ibidem*, p. 15

ameaça de confluência saudável”¹². Em bom português, a solidariedade é assustadora para o narcisista.

Vivemos em uma cultura narcisista na qual a ética foi substituída pela técnica e que tem um ideal de progresso segundo o qual não há limites para as ações humanas.

Para Lowen,

“uma ausência de limites está ligada ao desenvolvimento do narcisismo numa civilização. A nossa época caracteriza-se por um impulso para transcender limites e pelo desejo de negá-los. Limites existem e, fatorialmente, podemos reconhecê-los. Emocionalmente, porém, podemos não aceitar a idéia de limites. Acreditamos, ou desejamos acreditar, que o potencial humano é ilimitado. Ciência e tecnologia prometem um futuro em que as pessoas estarão livres de muitas das limitações naturais que restringiram seus ancestrais. Mesmo hoje, podemos viajar a velocidades que eram inconcebíveis quando eu era garoto. Mas é a negação de limites sociais, expressos na moral ou nos códigos de comportamento, que promove predominantemente uma atitude narcisista.”¹³

Somos uma cultura narcisista. É nesta cultura que vamos encontrar o indivíduo narcisista, criador e criatura desta maneira de estar no mundo em que o fazer é muito mais importante que o ser. É esse indivíduo narcisista, que tem uma incapacidade (ou ao menos uma enorme dificuldade) de vivenciar a intimidade e a solidariedade, que vai criar e vivenciar uma moral sexual que tem por principal característica a transformação do sexo sem intimidade em ideal, em algo que se deve buscar.

Esta ideologia, segundo Rollo May, está baseada no fato de que os seres humanos contemporâneos “nunca aceitaram, como se deve fazer, seu destino, com todas as pressões cruéis e benéficas. Também não aceitaram o fato de que

¹² From, Isadore, *Um Réquiem para a Gestalt*, p. 7

¹³ Lowen, A. *op. cit.*, p. 201

ninguém jamais consegue obter amor suficiente. Esse anseio por amor nos torna humanos.”¹⁴

Em lugar da aceitação da necessidade de amor, o que se percebe nas pessoas de nossa cultura é um sentimento de vazio. Um vazio que se tenta preencher através do poder, aqui entendido no sentido de 'poder sobre' (poder sobre a natureza, poder sobre o mundo, poder sobre as outras pessoas, poder sobre a própria vida) e não no sentido de 'posso' (ser capaz de). É isso que eu chamo de amor globalizado, um amor baseado no poder sobre, alimentado por ciúmes a cada dia mais possessivos, um amor estéril e consumidor (de si e da pessoa amada) como o amor (amor?) de Narciso.

Aqui entra uma questão que me parece importante hoje: o que é que a Gestalt-terapia tem a ver com isso? Esta questão traz outra: o que é que a Gestalt-terapia tem a oferecer diante desse quadro mundial tão desanimador?

Uma das primeiras coisas que me vem à mente quando penso nas possíveis intervenções da Gestalt-terapia no mundo globalizado é a que diz respeito à nossa atual sociedade de consumo. A base psicológica para que o consumo seja tão importante em nossa sociedade é uma enorme confusão entre desejo e necessidade. Desejo e necessidade são temas caros à Gestalt-terapia, a ponto de se poder dizer que nenhuma outra teoria da psicologia preocupou-se tão explicitamente com esse tema quanto a Gestalt-terapia.

O que podemos notar é que uma grande falta da pessoa média no mundo globalizado é uma melhor capacidade de discriminação, da qual se aproveita a ideologia dominante para instaurar a confusão entre desejo e necessidade. Perls diz em um de seus livros (Perls, 1977, p. 56) que o propósito da terapia é restabelecer a capacidade do neurótico de discriminar, vale dizer, facilitar à pessoa um certo grau de imprevisibilidade. Ora, para que uma sociedade se caracterize como uma sociedade de consumo, é muito importante que as pessoas sejam previsíveis, que *desejem* consumir as mesmas coisas e que imaginem que necessitam dessas mesmas coisas. Neste sentido a

¹⁴ May, R., *A Procura do Mito*, p. 196

Gestalt-terapia, como, de resto, as assim chamadas terapias humanistas, podem ser forças contrárias à pressão globalizadora e, portanto, forças libertadoras.

Ainda aqui há que se ter cuidado com uma das armadilhas da ideologia dominante: o uso perigoso da palavra liberdade. No mundo atual, valoriza-se muito a *liberdade de*, a qual, no frígido dos ovos, não é a mais importante. Desta maneira, é fácil percebermos um movimento – que a Psicologia incentivou muito a princípio – um movimento através do qual as pessoas se descomprometem imaginando que estão se libertando, quando na verdade estão se alienando. Penso que o movimento terapêutico, quando feliz, facilita às pessoas encontrarem a *liberdade para*. Liberdade para encontrarem seus próprios valores, liberdade para reconhecerem suas próprias necessidades e as discriminarem de seus próprios desejos, liberdade para exercerem sua capacidade amorosa e seu poder – e, por via disso, sua cidadania – no meio em que vivem. Liberdade para as pessoas encontrarem a criatividade e a utilizarem influenciando o meio do qual são participantes potencialmente ativos.

Entendo que a Gestalt-terapia sempre se propôs a ser uma alternativa revolucionária ao mundo das verdades estabelecidas, daí termos o conceito de ajustamento criativo como uma de nossas mais importantes contribuições à Psicologia. O ajustamento criativo refere-se à maneira de estar no mundo, de relacionar-se como o mundo, de contatar com o mundo.

Perls diz que o bom contato significa que os indivíduos possam “ver a si mesmos como partes do campo total e daí relacionar-se tanto consigo quanto como o mundo.”¹⁵ Se compreendemos isso, compreenderemos que o processo terapêutico é essencialmente um processo contra a ideologia globalizante. Ao menos idealmente, uma pessoa bem terapeutizada estaria mais atenta e mais

¹⁵ Perls, F. *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, p. 85

crítica quanto ao processo ideológico da globalização, na medida em que estaria apta a discriminar melhor entre seus desejos e suas necessidades, estaria mais centrado em si mesma, mais capaz de bons contatos, mais capaz de amar e, portanto, de solidarizar-se (através da boa confluência) com seus semelhantes.

Mais que isso, entendo que a proposta da Gestalt-terapia é de que a terapia seja um caminho de reeducação, de reeducação no sentido de que se desenvolva o auto-conhecimento e a auto-estima para que a pessoa volte a se indagar e a indagar sobre o mundo que habita. Esta indagação, quando bem feita, poderia nos levar ao que se chama de ‘admiração ingênua’ que permitiria buscarmos uma compreensão da natureza (inclusive da natureza humana) ao invés de buscarmos o domínio sobre ela. Esta ‘admiração ingênua’, na maneira como a vejo, é postura de humildade, portanto amorosa de uma qualidade de amor que narciso não é capaz.*

Além da terapia, não devemos nos esquecer da Gestalt-pedagogia, outra ferramenta revolucionária de que dispomos para facilitar às pessoas a redescoberta de sua capacidade amorosa. Tenho defendido que a Gestalt-pedagogia pode e deve ser uma das bases para o trabalho com a sexualidade nas escolas, ao mesmo tempo em que defendo que o trabalho regular de orientação sexual nas escolas é uma das maneiras de promovermos o desenvolvimento da capacidade amorosa dos jovens.

Porque acredito que o cabimento, a pertinência, os métodos e os propósitos da Orientação Sexual continuada já estejam bem explicitados em meu livro (Pinto, Ênio B. *Orientação sexual na escola – a importância da Psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo, Editora Gente, 1999), porque acredito que lá esteja também bem clara a importância da Gestalt-pedagogia no processo de orientação sexual, quero propor que conversemos um pouco sobre o exercício da sexualidade neste mundo globalizado. Acredito que por esta via possamos também estar discutindo para que mundo estamos educando

* Agradeço ao Walter Ribeiro a semente das idéias deste parágrafo

nossos jovens e nossas crianças. Não quero, por ora, me alongar mais nas questões que levanto em meu livro e que me parecem importantes, por agora quero me estender um pouco mais no exercício da sexualidade no mundo globalizado.

Penso que a sexualidade é uma variável importante para entendermos o ser humano, porque grande parte da interação entre as pessoas em nossa sociedade (assim como na maioria das sociedades) se dá através de leis que determinam os papéis sexuais. Além disso, não tenho dúvidas de que a sexualidade é fator importantíssimo no estabelecimento da identidade pessoal e fonte de algumas das mais importantes e intrigantes indagações que as pessoas se fazem no curso da vida.

Como um exemplo da aproximação que podemos fazer entre a Educação e a sexualidade, podemos observar uma tensão facilmente percebida hoje no exercício da sexualidade. Graças aos avanços de algumas ciências, notadamente a Medicina, o tempo de vida humana tem aumentado. Um jovem do ano 2000 tem muitas chances de ver a passagem do próximo século. No entanto, graças à ideologia globalizante, este jovem viverá num tempo para o qual a imediaticidade será a norma, principalmente a imediaticidade do prazer. Pensemos, então, na questão da AIDS e nos comportamentos exigidos para sua prevenção. O uso da camisinha, na visão da maioria dos jovens de hoje, diminui o prazer da relação sexual. Pois bem, imaginemos um jovem de nosso tempo, pronto para uma relação sexual. Ele usa a camisinha e assim preserva a maximização de seu tempo de vida? Ou ele cede ao máximo de prazer imediato e enfrenta a possibilidade de contrair a doença e abreviar seu tempo de vida? Está criada a tensão, uma tensão que é a mesma, embora com intensidade diferente, daquela do jovem que vive a perguntar para que estudar trigonometria, por exemplo, se isso, na avaliação dele, não vai servir para nada. Se não nos esquecermos de que a aprendizagem é generalizante, será fácil notarmos que se numa aula de Orientação Sexual este jovem resolver bem a tensão quanto à camisinha, muito provavelmente, por ter sua autonomia ampliada, ele poderá resolver com mais facilidade a tensão quanto à

aprendizagem de conteúdos formais que não são de aplicação imediata em sua vida cotidiana.

Desta maneira e pretendendo ter deixado bem clara a utilidade da Orientação Sexual, passo a refletir, com base na sexualidade daqui por diante, numa tentativa de compreensão dos caminhos possíveis para a Educação (e, por que não?, para a terapia) nestes tempos pós-modernos.

Fundamentalmente, penso que temos, como educadores ou como terapeutas, ao lidar com os jovens e as crianças, dois caminhos, o da prevenção e o do trabalho – digamos – curativo. Ambos os caminhos não são excludentes, antes pelo contrário – são complementares e não há como, se queremos um ensino e uma aprendizagem de qualidade, rejeitarmos ou privilegiarmos um ou outro – cada um deles tem seu momento. Para ambos os caminhos precisamos nos localizar em nosso meio ambiente, histórico e social, que é o que tentei na primeira parte desta conversa, ao lembrar que o mundo no qual estamos exercendo nosso trabalho é um mundo por ora cruel e perverso, que tem como uma das características mais marcantes a tentativa de se substituir a sociedade civil pela sociedade de consumo, de uma maneira tal que o Estado tende a diminuir e o mercado a crescer.

SEXUALIDADE E CONSUMO

Para que possamos entender um pouco melhor a relação entre o consumo e a organização social de nosso tempo, é importante que estabeleçamos desde já uma diferenciação que tem implicações importantes na sexualidade. Como já levantei, um dos ‘truques’ para se implantar a ideologia da globalização é confundir desejo com necessidade.

No nível psicológico, nós temos necessidade principalmente de amor e de aceitação. Grosso modo, o resto é desejo. A partir de certa idade, a sexualidade é um meio por excelência para alcançarmos a satisfação da necessidade de amor, mas o que observamos é que, no mundo atual, ela, a

sexualidade, acaba sendo vivenciada como uma necessidade com fim em si mesma.

O ficar é um bom exemplo disso. Potencialmente bom enquanto meio de auto-conhecimento, potencialmente bom enquanto meio de conhecer-se como ser sexualizado e ser em relação, não raro observamos o ficar como um fim em si mesmo. Devagar, de meio criativo de exploração da floresta da sexualidade, o ficar vai ficando, isto é, os jovens, mesmo quando já capazes de manter relações mais duradouras (ou ao menos de experimentá-las) mantêm-se na esfera do ficar. Um ficar tardio que cada vez tem mais espaço social, exatamente porque, para a ideologia global, é melhor mesmo que Narciso não veja Eco. Assim, o ficar vai-se tornando fim em si mesmo, favorecendo a transformação de seres em relação em objetos que se consomem.

Podemos definir nossa sociedade atual como sociedade de consumo porque é o consumo o responsável pela coesão da sociedade nos dias de hoje. O lado positivo disso é uma melhora na qualidade material de vida, fato inegável que observamos facilmente hoje. O lado negativo é que a manipulação ideológica fica mais facilitada, uma vez que, no capitalismo moderno, o mimetismo dos valores do colonizador faz praticamente desaparecer os valores regionais e históricos de cada população.

Que correlação isto teria com a sexualidade? Penso que invertemos hoje, principalmente através da propaganda, a ordem entre desejo e consumo, de tal maneira que não é o desejo quem regula o consumo, mas, antes, é o consumo que acaba por 'regular' o desejo das pessoas. Se o que regula os desejos é o consumo, se o que se consome são objetos, é então muito provável que se vá objetificar as pessoas para poder fazer incidir nelas o desejo. Em outros termos, a questão é a seguinte: se a lógica que regula o mundo de hoje é o consumo, como isso se reflete e como interfere no exercício da sexualidade?

A puberdade e a adolescência marcam um período em que a sexualidade emerge com toda a sua força. É em parte por causa da eclosão tão abrupta da capacidade sexual e da consciência desta capacidade que grande

parte das fragilidades típicas dessa época da vida humana têm sido depositadas em um conteúdo sexual. Exatamente por causa dessa fragilidade, a ideologia globalizante lida – à maneira das religiões em outros tempos – com a sexualidade como uma das melhores portas para a entrada na ideologia do consumo.

Estamos, então, diante de uma objetificação com que a cultura pós-moderna seduz as pessoas, isto é, a maneira como se cria na sociedade a idéia de que os corpos são, por si sós, objetos de consumo. Trata-se quase que de uma cisão que induz à prática do sexo sem afeto, do sexo pelo sexo, transformando cada parceiro apenas no local de descarga da energia sexual do outro.

Tal maneira de vivenciar a sexualidade, que é exemplarmente descrita no “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, retira da sexualidade aquilo que é, de fato, sua maior força e seu melhor propósito para o ser humano, que é ser via privilegiada para o encontro com o Outro. Retira também da esfera da sexualidade a vivência do amor, que acaba reprimido em prol de um maior gozo sexual e de uma maior possibilidade de troca de parcerias, objetivo maior do sexo banalizado.

Em outro termos, podemos dizer que a ideologia do consumo busca mecanizar a sexualidade como forma de transformar o ser humano em máquina, portanto um ser sem autonomia, sem liberdade, sem poesia. Uma vez transformado o exercício da sexualidade em atividade completamente isenta de arte, está aberta a porta para uma manipulação do desejo humano, para uma massificação do desejo humano (uma massificação que não leva em conta que o exercício da sexualidade no interior de um estado é necessariamente diferente da prática no litoral deste estado, por exemplo).

Essa massificação, que tem na internet uma de suas melhores armas, se dá através, principalmente, do culto ao corpo bem moldado e torneado, o corpo malhado, que acaba sendo vendido como ‘o’ meio de atração entre as pessoas. É o culto ao formato como maneira de banalização do conteúdo.

Não pretendo aqui dizer que a atração física entre as pessoas não seja importante. Não é isso. O que digo é que o desejo humano assume tão variadas formas, parte de princípios tão individuais, que reduzi-lo ao desejo pelo corpo, ao desejo por um tipo de corpo, é mais que banalizá-lo, é menosprezá-lo.

No entanto esta é a premissa básica com que se lida com a sexualidade nos dias de hoje, o que é facilmente constatável nas propagandas, nos ‘outdoors’, nas revistas e nas mensagens subliminares com as quais nossa cultura educa os jovens. Prevenir contra este tipo de uso do corpo é uma das funções da orientação sexual.

No mundo globalizado, mais e mais o sexo é pura sensação, é pura busca de prazer corpóreo, quando muito é busca de provocar prazer no outro, mas apenas o prazer sensório. O sentimento, a possibilidade de estar olho no olho, coração a coração com o Outro (em outros termos, a possibilidade da intimidade), não devem ser buscados, pois podem propiciar autonomia, perigo maior para a ideologia pós-moderna.

Na verdade, temos quase que uma inversão de tabus. Se antes tínhamos tantas proibições no campo da sexualidade, se antes tínhamos tantas culpas cercando esse caminho, hoje aparentemente temos uma liberdade até exagerada, uma quase ausência de tabus. Mas isso é só aparentemente. Na realidade, os tabus hoje são outros, mais sutis, mais elaborados, sub-reptícios mesmo. Se antes principalmente as religiões tentavam colocar a sexualidade numa cela despojada e utilitarista, hoje se tenta aprisioná-la numa cela cheia de aparentes confortos, mas ainda utilitária e ainda prisão.

Não vai longe o tempo em que se tentou – através de dogmas* morais – encarcerar a sexualidade em seu aspecto reprodutivo. As pessoas resistiram, felizmente com relativo sucesso, de maneira que o aspecto prazeroso e o aspecto alavancador de encontros da sexualidade não se perdeu. Parte da responsabilidade por isso devemos ao avanço da ciência – principalmente

* a palavra ‘dogma’, que vem do grego, originalmente, significava opinião; depois seu sentido foi mudado para ‘verdade revelada’.

através da criação da pílula anticoncepcional – e parte ao avanço do feminismo a partir da segunda metade do século XX. Principalmente na década de 1960, velhos tabus ruíram, novos ares se respiraram, a sexualidade foi finalmente culturalmente vista como algo além do ato sexual. Pudemos discutir questões pertinentes ao gênero, pudemos berrar por paz e amor, pudemos informar um pouco melhor nossos jovens, o amor livre transformou-se em respeitada bandeira. Tudo indicava que caminharíamos para uma vivência mais plena e responsável da energia sexual, principalmente nas camadas mais privilegiadas da população, com grande possibilidade de se expandirem essas conquistas por toda a população.

No entanto, o que observamos hoje é que houve um, chamemos assim, ‘efeito mola’. Uma vez liberada parte da pressão que se exercia sobre a sexualidade, ela como que explodiu e assim se criou um dos mais importantes tabus de nosso tempo: o que era proibido passou a ser obrigatório.

Se antes o prazer era deixado em segundo plano em prol do papel reprodutor do sexo, hoje as pessoas são condenadas a ele. Desta maneira continuam ausentes o cuidado – cuidado para consigo mesmo e cuidado para com o Outro – e a responsabilidade – responsabilidade para consigo mesmo e responsabilidade para com o Outro. Se antes a ideologia pregava o pouco contato com o Outro por causa do pecado, hoje se prega o pouco contato com o Outro como maneira de se prender apenas à própria sensação, distante do sentimento. A preocupação com o prazer do Outro que é pregada no pós-modernismo nada mais é que, na realidade, uma preocupação em engrandecer o próprio ego, quase nada uma preocupação amorosa de servir ao Outro numa troca.

É interessante notarmos uma das pressões a que estão sujeitadas as jovens de hoje: elas têm que transar. O grupo adolescente, representando a cultura, discrimina e quase exclui a jovem que espera o seu próprio tempo e o seu próprio amadurecimento para começar a vida sexual. Muitas meninas, às vezes até mesmo antes dos quinze anos, mas principalmente antes de estarem

e de se sentirem devidamente amadurecidas, já estão praticando relações sexuais, não raro nem sequer tendo a possibilidade de imaginar as conseqüências destas experiências para suas vidas. Em outros termos, corpos mecanizados e banalizados, comandados pelo social. Com os meninos a situação é quase igual, com a diferença de que mais antiga um pouco, embora não menos perigosa para o desenvolvimento da autonomia. Porque autonomia é conquista paulatina, par a par com o desenvolvimento da inteligência e a maturidade.

Na época moderna, a sensualidade era condenada porque tentadora, porque aliciadora de condutas imorais. Hoje, no mundo globalizado, o que observamos é a sensualidade condenada por insuficiente. A busca hoje é pelo pornográfico (basta dar um passeio pela internet para perceber isso), pelo mais explícito possível, porque as delícias da curiosidade, o prazer do descobrir, as fantasias geradas pelo misterioso são muito perigosas – podem tocar o coração. Não é difícil imaginarmos o paralelo disso com a educação: a curiosidade é quase que um pecado mortal para a ideologia pós-moderna.

Se na modernidade a ordem era a de que a relação sexual se daria quando do desejo do homem, hoje o que regula a freqüência das relações é a estatística, a grande normalizadora de nossos tempos. A mídia em geral é pródiga em fazer matérias nas quais se enfatiza a média, quase que explicitamente declarando que quem foge dela está com algum distúrbio sexual. Um casal que – independentemente das circunstâncias – não transe uma ou duas vezes por semana (a quantidade depende da pesquisa apresentada), não é feliz. Pouco importam os humores, os amores, a situação familiar, ou profissional, ou financeira, ou a qualidade humana da relação interpessoal, a ordem é clara: a felicidade de um casal se mede pela média de intercursos semanais ou mensais, a depender da pesquisa apresentada.

Esse reino da estatística é o reino da massificação, da busca da unificação de comportamentos. Uma massificação que acaba por gerar uma onipotência (principalmente nos jovens) que leva a um exercício irresponsável

da sexualidade. O constante aumento de casos de AIDS, o excesso de gravidezes entre nossos adolescentes e o uso excessivo de drogas são os sintomas mais evidentes disso. Mas há outros, sintetizados na falta do amor solidário entre homens e mulheres, sejam parceiros ou não. Em outros termos: falta amor solidário entre parceiros e entre homens e mulheres enquanto gênero. Este raciocínio se aplica também às parcerias homossexuais.

Onde falta amor solidário, sobra amor possessivo, amor inseguro porque não baseado na autonomia e na intimidade. Penso que é função da escola – e, por que não?, da terapia – facilitar às crianças e aos jovens (e aos adultos também) o incremento de atitudes autônomas adequadas à idade de cada um, num crescendo que possibilite a vivência da intimidade entre as pessoas. Porque sem autonomia e sem a possibilidade da vivência da intimidade não se aduba adequadamente o terreno para que a solidariedade possa brotar. Somente quando possibilita que brote a flor da solidariedade a aprendizagem pode fazer sentido para os seres humanos e pode facilitar a eles que encontrem um sentido para suas vidas.

A EDUCAÇÃO COMO BUSCA DE EROS

Para finalizar, não quero deixar de lembrar que a boa aprendizagem é erótica, depende de uma relação erotizada com o saber e com o conhecimento a ser aprendido. A erotização do aprendizado é que vai dar a ela um sentido, assim como a vida só tem sentido se vivida eroticamente. Eroticamento, no aspecto mais amplo da palavra, aquele aspecto que vem da busca do prazer e que permite e favorece o gosto de saborear, e daí a possibilidade da sabedoria. É essa a grande ponte que vejo ligando a sexualidade à aprendizagem e, por via desta, à Educação e à terapia: a erotização da vida. O verdadeiro desejo de aprender é erótico. Sem Eros, a aprendizagem é apenas mecânica, de repetição, sem criatividade e pouco propiciadora de crescimento.

Penso que a Educação (tanto quanto a terapia) tem o dever de favorecer o incremento de Eros na aprendizagem através da criação de um espaço onde a pessoa possa ser de fato ouvida e vista, um espaço onde ela tenha a confiança

de que pode partir em busca de uma postura ética mais justa e mais solidária. Porque quando se percebe que há um espaço apropriado e continente para que se possa, com paciência mas não sem ansiedade, identificar-se melhor em seu corpo, vale dizer, em sua morada, luta-se melhor por se exercer os direitos e os deveres enquanto membro de uma sociedade que precisa ser transformada. Conseguindo uma instalação confortável no próprio corpo, tanto melhor e com maior tranqüilidade a pessoa poderá se apropriar do conhecimento formal necessário e fazer deste conhecimento o fermento para uma atitude ética e para um crescimento saboroso, lúdico e lúcido em direção a tornar-se cidadão (e não apenas consumidor) do planeta terra.

EBP/ ago/2000

Bibliografia básica

- Boff, Leonardo *A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, Vozes, 1997
- Chauí, Marilena Quem semeia ventos colhe tempestades, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais, 05/03/2000, p. 19
- Chonchol, Jacques, *Globalização e neocolonialismo*. Artigo xerocado sem citação de fonte
- Featherstone, M. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel, 1995
- From, Isadore, *Um Réquiem para a Gestalt*, In The Gestalt Journal, vol. VII, n° 1, Spring 1984, ps. 4/12. Tradução de Luiz Fernando F. R. Ribeiro para circulação interna entre os treinandos de Gestalt-terapia de Walter F. R. Ribeiro
- Heilborn, Maria Luíza (org.) *Sexualidade – o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999
- Lasch, Christopher, *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983
- Lowen, Alexander, *Narcisismo*. São Paulo, Círculo do Livro, 1986
- May, Rollo, *A Procura do Mito*, São Paulo, Manole, 1992
- Perls, Fritz, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da História*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977
- Santos, Milton *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record, 2000
- Sung, M. Jung *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis, Vozes, 1997
- Sung, M. Jung & Silva, José C. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis, Vozes, 1995